

# JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES E A NOVA HISTÓRIA BRASILEIRA \*

**Armando Souto Maior**

da Universidade Federal de Pernambuco

Manda a tradição desta Universidade que, na concessão de um título de Doutor "Honoris Causa", seja apresentada ao seu Conselho Universitário uma súplica biográfica daquele que passará a integrar a sua comunidade. Honra-me, Professor José Honório Rodrigues, ter sido o escolhido para fazê-lo e para saudá-lo. Uma vida intelectualmente tão brilhante torna, entretanto, esta tarefa sumamente difícil pois sobre vossa obra já se elaborou até uma tese de doutoramento **O saber e o fazer na obra de José Honório Rodrigues**. Mais fácil — e provavelmente mais justo — seria distribuí-la aos presentes. O protocolo exige de mim, entretanto, que nos pobres vinte minutos de que disponho, diga tanto em tão pouco tempo.

Obrigo-me, então, a dizer em cores fortes, em desenho rápido e geométrico, que José Honório Rodrigues nasceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de setembro de 1913 e que descende, pelo lado materno, dos fundadores da Cidade. Sua primeira paixão foi o próprio bairro Flamengo, onde nasceu, cujas ruas viram o jovem José Honório, de

---

\* Discurso de saudação ao Prof. José Honório Rodrigues, por ocasião da outorga do título de "Doutor Honoris Causa" que lhe foi feita pela Universidade Federal de Pernambuco, no dia 27 de novembro de 1980.

pasta debaixo do braço, contendo flamejantes artigos para a revista estudantil "A Época", não raras vezes, esquecer-se do tempo, no café da esquina, aliciando amigos com sucessos e insucessos para um outro Flamengo — o do clube de futebol. Os sinos da pequena igreja da Glória, paroucialmente, lembravam-lhe sempre, nessas ocasiões, a hora do início das aulas de sua antiga Faculdade Nacional de Direito, onde pontificava Castro Rabelo, tentando inutilmente, com marxismo mal digerido e regular cultura histórica — numa época em que não havia cursos regulares de história — de tectar os alunos que, na abrangência de um curso que se dizia de "Ciências Jurídicas e Sociais", já estivessem pensando em fugir dos caminhos judicantes e cartoriais para se dedicarem à pesquisa do passado. José Honório Rodrigues foi um deles e, em 1935, arreliado com o profetismo do materialismo histórico, está às voltas com Max Weber, diga-se de passagem, numa época em que ninguém o conhecia no Brasil. Max Weber marcará profundamente toda a sua obra. Com muito pouco de bacharel e muito de weberiano, ele-lo graduado em 1973 e agraciado com um Prêmio de Erudição da Academia Brasileira de Letras, no qual Roquete Pinto fora relator.

Seu primeiro emprego foi como revisor de O JORNAL, no qual, ao que parece, preocupou-se menos com os empastelamentos e correção gramatical dos editoriais e mais com as primeiras oportunidades de aqui e ali publicar artigos sobre assuntos históricos, siderado que estava pela obra e pelo exemplo de Capistrano de Abreu.

Com uma bolsa de pesquisa da Fundação Rockefeller, em 1943, irá aos Estados Unidos onde frequentará a Universidade de Columbia e fará suas primeiras pesquisas nos arquivos norte-americanos. Uma outra bolsa, em 1950, concedida pelo Conselho Britânico, permite-lhe pesquisas em arquivos ingleses sobre o Brasil

De volta ao Rio de Janeiro, estará no Instituto Nacional do Livro, na Seção de Publicações, então dirigida por Sérgio Buarque de Holanda. Daí passará a Diretor Interino da Biblioteca Nacional e Diretor efetivo do Arquivo Nacional onde estaria no seu próprio "oceano vital" de obras raras e documentos históricos. O magistério completa-lhe a fecunda vida intelectual e ele-lo no Instituto Rio Branco, preparando nossos futuros diplomatas na área de História do Brasil. Suas conferências pontilham os dois últimos decênios da vida cultural brasileira e, provavelmente por amor a ela, é que recusa transferir-se para os Estados Unidos como professor efetivo da Universidade do Estado de Nova York.

Talvez seja ocioso dizer-se que José Honório Rodrigues é membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de quase todos os Institutos Históricos Estaduais. A "Royal Academy of History" o tem em seus quadros e a "American Historical Association" também. É consultor de várias revistas internacionais como a "Hispanic Historical Review, da Revista de História (México) da Historical Abstracts (Estados Unidos) e dos Cahiers d'Histoire Internationale (França). Seus artigos espalham-se também noutras publicações estrangeiras, destacando-se particularmente, International Affairs (Inglaterra), Forum Internacional (México) e Política (Venezuela). Daí as exigências constantes de conferências no exterior, e a exigência que fez a si mesmo de dirigir o Instituto Brasileiro de Relações Internacionais e de editar até 1968, a Revista Brasileira de Política Internacional.

Vinte opúsculos, colaboração em cinco livros coletivos no exterior, edições críticas, prefácios e direção de obras documentais oficiais, artigos de jornal, emolduram uma obra historiográfica singular pela qualidade, composta de 18 livros dentre os quais se destacam "A Civilização Holandesa no Brasil", "Teoria da História do Brasil", "A Pesquisa Histórica no Brasil", "Brasil e África", "Conciliação e Reforma no Brasil", "História e Historiadores do Brasil", "Interesse Nacional e Política Externa", "Vida e História", "Aspirações Nacionais", "Independência; Revolução e Contra-Revolução", "História: Corpo do Tempo", e uma esperada "História Combatente", já nas mãos de seus editores. A obra honoriana já faz parte do intimismo intelectual dos pesquisadores brasileiros e creio que a sua "Teoria da História" é o livro mais manuseado e citado na historiografia nacional.

Comentada e registrada nas maiores bibliografias históricas mundiais a obra de José Honório Rodrigues constitui hoje um "raport" de qualquer historiador estrangeiro que queira estudar o Brasil. Seu eventual roteiro será provavelmente norteado pelo Guide to Historical Literature (New York) ou pelo "Bucherkunde zur Weltgeschichte" (Munique) que levará o estudioso, sem dúvida, ao maior historiador nacional, hoje Doutor por esta Universidade, e de quem Jarbas Maciel, com a pontaria verbal que Deus lhe deu, disse, com muita razão, que a sua "Teoria da História do Brasil", além de ter despertado as gerações de estudantes de História para a necessidade de uma melhor formação filosófica e técnica no "métier", constitui ainda hoje todo um programa segundo o qual poderia e deveria desenvolver-se o labor filosófico em epistemologia e metodologia históricas entre nós. Pode-se dizer que o Professor José Honório, sem ser filósofo de profissão, conseguiu fazer pela análise filosófica aplicada à História o que os nossos filosofantes ainda não se dispuseram a fazer, nem sequer pensar, pois sua obra é fortemente tendida ao futuro".

Seria de admirar que José Honório Rodrigues não pertencesse à Academia Brasileira de Letras. Embora admirador confesso de Capistrano de Abreu, não lhe seguiu o gesto casmurro de recusar o convite que lhe fora feito. Capistrano era um arredio e escreveu sobre o fato em tom memorialista: "os fundadores da Academia Brasileira de Letras eram quase todos meus amigos, instaram comigo para que lhes fizesse companhia; resisti e cada vez estou mais convencido de que andei com juízo". O grande historiador cearense tinha indisfarçada aversão a qualquer sociedade literária pois até ao próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro dizia pertencer por exceção e pretendia demitir-se em tempo, se não morresse repentinamente.

Capistrano era um misântropo. José Honório ama a vida. Ao vê-lo interessar-se pelas coisas que constituem o cotidiano, ao surpreendê-lo em longos diálogos com amigos sobre a beleza das coisas simples, justifico plenamente o que dele, há poucos dias, em conversa pessoal, disse-me o poeta Mauro Mota: "mantem sempre acordada a alegria e adormecida a descrença".

O saber e o fazer de um historiador têm, às vezes, a perenidade da própria história. Nesses casos, a obra e o tempo, — a obra como percepção e o tempo como imanençia — interpenetram-se e geram os mecanismos da transposição, da recriação e da revivência. Permita-me Professor José Honório Rodrigues, que vos seja dito nesta Universidade, que vossa contribuição a episteme brasileira já faz parte da história de nossa cultura.

Todos nós, professores de ciências e saberes diversificados, estamos de acordo em um ponto: aceitamos a premissa de que as explicações fornecidas em todos os campos da investigação, incluindo a história, têm uma estrutura lógica comum. É certo que há muitas espécies diferentes de explicações. Explicar o que aconteceu pode, por exemplo, para um historiador — significar por que é que aconteceu o que aconteceu.

O conhecimento histórico exige entretanto um campo demasiadamente amplo e ao mesmo tempo limitado. Demasiadamente amplo porque na vastidão de seu campo está uma quase ilimitada quantidade de objetos percebidos, fatos naturais, experiências humanas e individualidades de personagens que irão compor os chamados eventos históricos. Limitado, porque a universalidade histórica desejável exige algo que ultrapassa os limites da existência meramente local e temporal, para que se possa ter um significado válido para todos os homens. Há um tempo histórico universal: um "hic et nunc", que é uma descoberta que se faz pensando e um tempo específico que, como assinala um dos mestres desta Universidade, o Professor Gláucio Veiga, é o processo de autognose de um país. Tomo suas palavras: A autoconsciência de um povo se inicia quando aprende seu próprio Tempo, isto é, sua própria história e verifica traumáticamente, que difere do Tempo Universal. Admitidos os dois tempos, compreende-se que seja sempre uma aspiração humana o enlace do passado com o futuro, em função das preocupações do presente.

Deseja-se conhecer o passado. Para que? Uns respondem que para prever o amanhã. O exagêro levou Claude Vimont a afirmar que já sabia o futuro de cor. Outros crêem que se deva conhecer o passado para compreender o presente. Creio que a História busca uma visão do passado em si mesmo. Se nesta afirmativa cabe um "porque" terei que responder que é absolutamente impossível a determinação do momento final da ânsia de saber que é própria do homem. Esta é também uma lição honoriana.

Nunca, na história do pensamento humano, a importância do futuro assumiu proporções tão significativas como as que tem hoje. Realmente, até bem pouco tempo, o passado e não o futuro é que constituía a orientação predominante do tempo histórico. Isso distingue particularmente o historiador atual, atento ao nascimento permanente da história, daqueles seus antecessores, rastreadores de glórias antigas, heróis mitificados e virtudes nacionais imaginárias. Estes trabalharam sempre com o mundo que os antecedeu e para todos, sem exceção, o futuro era, difusamente, uma batalha instável na qual o homem lutaria por seu destino.

Uma reflexão se impõe. Hoje a elaboração de obras de História é mais abundante do que a de qualquer outra ciência ou ramo do conhecimento humano. Paralelamente a isso e, talvez como sua própria consequência, a maior parte da produção das obras de História destina-se a um grande público sobreposto ao profissional de historiadores, professores e estudiosos de história. É uma decorrência existencial de todas as ciências, a triagem de seus aspectos mais acessíveis para uso popular e, na História essa triagem é parte essencial de sua própria estrutura. Registre-se especialmente que hoje quase todos os países estão inundados de grandes histórias universais ilustradas, textos didáticos, biografias, folhetos históricos, ensaios e considerações históricas explicativas a nível de grande público. Fenômeno de época de instabilidade poder-se-ia dizer. Consciência de que o mundo já tem certeza de que participa de um futuro comum e de que o passado é também uma forma para que possa clarear o presente, creio eu.

A obra historiográfica de José Honório Rodrigues é um exemplo de experiência de historiador, cujo "aggiornamento" permanente o faz se defrontar, também e repetidas vezes, com o futuro, essa terra de ninguém do pensamento humano. Seu livro "Aspirações Nacionais" é seguramente uma experiência bem sucedida, neste confronto.

A obra honoriana na historiografia brasileira representava já com os seus primeiros livros, uma revisão teórica e metodológica em nossa tendência triunfalista. Instituições oficiais e semi-oficiais compraziam-se então em cultivar uma certa história capitulacionista, que confundia história com tradição através de astuciosas tentativas de impingir a idéia de uma história brasileira incruenta e cordial. José Honório Rodrigues demonstrou que o processo histórico é violentado repetidas vezes na História e que a historiografia nem sempre é a caixa de ressonância dessas violências.

Há muito tempo que se ouviam vozes na Europa contra a história dos poderosos e já Voltaire advertia, no início de seu "Ensaio sobre os Costumes e o Espírito das Nações": o objeto deste Tratado não é saber em que ano um príncipe indigno de ser conhecido, sucedeu a um príncipe bárbaro de uma nação incivilizada". O grande protagonista da história hoje, mais do que o homem, é a sociedade. Estudar os homens, fazer a chamada "história social" exige entretanto a solução de problemas teóricos, repetidamente escamoteados a serviço de posições políticas. Confunde-se no Brasil, ainda hoje, malgrado as advertências honorianas, ideologia com metodologia. Estamos ainda às voltas com uma historiografia na qual se os fatos não se conciliam com a teoria ou o sentido da história, tanto pior para os fatos, como sarcasticamente disse Lukács, em voltaireano postulado. Muitas dessas obras não passam aliás de transposições dos métodos tradicionais da história política, limitando-se a trocar os "dramatis personae" do enredo; governantes e generais são dirigentes de sindiactos; tratados e batalhas são greves operárias. Não é a mudança de vestuário que vai tornar nova a história

velha. Seria algo como "As bodas de Fígaro" de Beaumarchais com trajes de uma peça de Hermilo Borba Filho.

Por outro lado, uma certa história reacionária coetânea e contemporânea, olha, suspeitosamente, para a invasão dos pobres em suas páginas sem aquela passividade anterior de simples e contundidos espectadores. E por causa dela estamos sempre voltando ao falacioso problema do papel do indivíduo na História: a contraposição entre o herói e a massa, quimera da filosofia da história, a morder continuamente sua própria cauda, porque "indivíduo" e "povo" na verdade atuam em níveis distintos. As massas, como irritadamente diz Edward Carr, têm relação sobretudo com as mudanças históricas a longo prazo; os indivíduos são os agentes imediatos de acontecimentos concretos e singulares. Confundir esses níveis conduz, simplesmente, a disparates científicos.

Há lições permanentes na vossa obra, Professor José Honório Rodrigues. Uma delas, talvez a maior é de que a integração na História sempre foi uma forma de complacência com o mundo. A História, da mesma forma que as ciências naturais, não somente é um antídoto para o egocentrismo como também é um específico remédio para a exagerada importância que, em geral, atribuímos ao que nos cerca muito proximamente. Haverá alguma coisa melhor para a obtenção da felicidade intelectual do que se sentir ligado ao que **foi** e ao que **será**? Que pode ser mais apaixonante do que contemplar a eterna imperfeição, a eterna aspiração e a limitação das faculdades humanas?

Quem cultiva a História por vocação não sofre os males do historicismo. Experimenta, sim, na História, uma forma de liberdade espiritual que é uma das mais puras de quantas liberdades se possa obter. Esta, Professor José Honório Rodrigues, é a liberdade que tem servido de contraponto a vossa obra.

Professor José Honório Rodrigues, dentro de alguns instantes o Vice-Reitor no exercício do Reitorado, Professor Geraldo Lapenda vos outorgará o Título de "Doutor Honoris Causa" desta Universidade. Sereis um dos nossos e o ato nos engrandece pois vossa obra é também nossa obra e vossa presença nesta comunidade marca indelévelmente a história cultural de Pernambuco, tão fecunda pela tradição legada por Nabuco, Oliveira Lima, Pereira da Costa, Sílvio Rabelo, Estevão Pinto, Luís Delgado, Hermilo Borba Filho e Lucilo Varejão. Hoje esta tradição é vivida por Pinto Ferreira, Amaro Quintas, Gilberto Osório, Ariano Suassuna, Abdias Moura e Maria do Carmo Miranda que nela escrevem um de seus mais ricos e fecundos capítulos. Sois um deles, agora, e portanto esta é também a vossa casa. Louvação e bem querer a José Honório Rodrigues.